

## OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA PANDEMIA POLÍTICA: QUE DESAFIOS PEDAGÓGICOS, EM QUE TEMPOS POLÍTICOS?¹

THE CHALLENGES OF EDUCATION IN THE POLITICAL PANDEMIC: WHAT PEDAGOGICAL CHALLENGES, IN WHICH POLITICAL TIMES?

LOS DESAFÍOS DE LA EDUCACIÓN EN LA PANDEMIA POLÍTICA ¿QUÉ RETOS PEDAGÓGICOS, EN QUÉ TIEMPOS POLÍTICOS?

Miguel Gonzalez Arroyo <sup>1</sup>

**Manuscrito recebido em:** 16 de março de 2021.

**Aprovado em:** 24 de maio de 2021.

**Publicado em:** 25 de junho de 2021.

### Resumo

Este artigo é fruto de uma conferência intitulada “Os desafios da educação no Brasil na pandemia política” desenvolvida durante o evento: I Encontro de Ensino, Linguagem e Sociedade do Sertão Baiano e o II Seminário de Pesquisas do Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Caetité. A partir da conferência o áudio da mesma foi transcrito e revisado pelo autor gerando esse artigo.

**Palavras-chave:** Educação; Pandemia; Pedagogias.

### Abstract

This article is the result of a conference entitled "The challenges of education in Brazil in the political pandemic" developed during the event: I Encounter of Teaching, Language and Society of Sertão Baiano and the II Research Seminar of the Postgraduate Program in Teaching, Language and Society (PPGELS), of the Universidade do Estado da Bahia (UNEB) in Caetité. From the conference, the audio was transcribed and revised by the author, generating this article.

**Keywords:** Education; Pandemic; Pedagogies.

### Resumen

Este artículo es el resultado de una conferencia titulada “Los desafíos de la educación en Brasil en la pandemia política” desarrollada durante el evento: I Encuentro de Docencia, Lengua y Sociedad de Sertão Baiano y el II Seminario de Investigación del Programa de Posgrado en Docencia, Lengua y Sociedad (PPGELS), de la Universidade do Estado da Bahia (UNEB) en Caetité. A partir de la conferencia, el audio fue transcrito y revisado por el autor, generando este artículo.

**Palabras claves:** Educación; Pandemia; Pedagogías.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Stanford University. Professor Emérito na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3702-2057>

Contato: [g.arroyo@uol.com.br](mailto:g.arroyo@uol.com.br)

## Introdução

Nestes tempos, encontros virtuais como este, mesmo que a distância, nos mostram que estamos vivos, não estamos calados e não vamos calar. Os movimentos sociais falam com suas místicas, suas marchas, suas artes... com eles aprendemos outras linguagens.

Quando falamos da Academia, as vozes ficam pequenas diante dessas místicas, dessas artes. As artes tem falado muito mais, com mais coragem, sobre o in-humano que estamos vivendo agora e que vivemos durante toda nossa história, do que, as vozes das ciências e do que as vozes da Base Nacional Comum.

Paulo Freire (2000), o último livro que escreveu, *Pedagogia da Indignação*, nos mostra que essas místicas são pedagogias da indignação, pedagogias da esperança que não fica parada. Paulo Freire falava em estar em estado de permanente esperar. Esperançar é uma postura permanente que não é só esperar. Quem sabe faz a hora não espera acontecer. Esperançar, como falava Paulo, é como um permanente fazer outra história acontecer.

## Tempos da Pedagogias da Indignação

Que possibilidades de fazer outra história acontecer em tempo de cruel pedagogia do vírus e política? (SANTOS, 2020) Pedagogias da indignação diante de tantos milhões de mortos. Gostaria de dedicar este nosso tempo, a tantos milhões, milhares, cada vez mais mortos. Cada morto, cada doente está atrás dele uma mulher, uma mãe, uma filha, um filho, uma esposa, um esposo, estará atrás dele, sempre, gente. Neste momento nos lembramos de João Bosco e Audir Blanc: tanta gente que partiu. Quase 500 mil que partiram. E não partiram porque quiseram, partiram pela irresponsabilidade de um governo homicida. Esse momento tem que ser um momento de indignação, pedagogia da indignação, manifestemos a indignação, ensinemos aos educandos a se indignarem porque isso não é um acidente. Viver em estado de Vidas Ameaçadas tem sido regra na história para os oprimidos.

Tempos de Indignação Política. O título que vocês colocaram “Os Desafios da Educação no Brasil em Tempos de Pandemia Política – Que desafios pedagógicos, em tempos políticos?”. Pandemia é do vírus, mas não estaríamos também em tempos de Pandemia Política? A pandemia não é só de um vírus, irracional, que nos mata. A pandemia é política. E porque política, tem que provocar muito mais indignação, uma indignação política.

Paulo Freire fala na Pedagogia da Indignação, indignação política. Por tantas injustiças que continuam oprimindo, por tantas injustiças que condenam a morte milhares de brasileiros. Essa pandemia é seletiva. As opressões são sempre seletivas. Isso poderia ser um ponto já a refletirmos. Será que a Pandemia é um acidente? Nos falamos isso: “é um acidente, vai passar, vai chegar um Novo Normal. Uma anormalidade acidental”.

Tem uma frase de um autor que vocês devem conhecer, que eu gosto muito, Walter Benjamin: A opressão nunca foi normal, nunca foi um acidente, foi regra da história para os oprimidos. Isso que é interessante aprender. Nos falamos que foi acidente, que vai passar, que vai chegar o Novo Normal, um novo normal até na educação, “tenhamos confiança já está quase chegando”.

Para a educação pública da qual nós fazemos parte, o velho anormal que sempre tivemos vai continuar. Tenham certeza disso, companheiros e companheiras. Não tenhamos uma visão romântica da educação. Sobre romantismo na nossa educação, sobre romantismo agora no Conselho Nacional de Educação. Tiraram tudo que havia de crítica, tudo que havia de diretrizes curriculares, indígenas, quilombolas, negras, educação de jovens e adultos (EJA), tudo isso tiraram. Agora, vocês viram, Base Nacional Comum de Formação de Docentes? E qual é a Base Nacional Comum de Formação de Docentes? Não é educação, é ensino. A educação incomoda, mais do que ensino. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) era da educação, agora é só do ensino. Era de cultura, agora de conteúdos a ensinar, aprender, avaliar e a reprovar.

Estamos em tempos políticos que se ataca muito a educação, e acho que temos que ter orgulho de ser atacados. Porque? Porque “ninguém chuta cachorro morto”. Quando somos atacados é porque estamos vivos. Somos atacados por tomarmos partido. Ainda bem que perceberam que tomamos partido. E tomamos partido por quem? Tomamos

partido pelo direito a ter direitos dos coletivos sem direito a ter direitos. Isso tem que ser a forma de olhar nosso programa, nossa educação, nossa graduação, nossa pós-graduação, nossa educação básica, nossa EJA, nossa Educação Fundamental. Essa tem que ser nossa missão. Resistir é insistir! Tomando partido pelos decretados sem direito a ter direitos.

## **Aprender com a cruel Pedagogia da pandemia política**

Deixemo-nos interrogar pelos tempos políticos que nos atacam. Reinventemos respostas políticas, éticas, pedagógicas. Como tratar esse tema: os Desafios da Educação no Brasil nos Tempos de Pandemia, não só do vírus, mas Pandemia Política? Aconselho vocês a lerem o texto de Boaventura de Sousa Santos (2020), A Cruel Pedagogia do Vírus. Quando li o artigo me perguntei: Boaventura falando de pedagogia? Porque? Ele fala da “cruel pedagogia”. Isso é importante, nem toda pedagogia é pedagogia bondosa, carinhosa, há pedagogias cruéis, não só do vírus, mas políticas até nas escolas. Quando se reprova uma criança, quando se expulsa uma criança, quando se obriga a repetir e repetir e repetir as séries, é uma cruel pedagogia. Pedagogias cruéis que acontecem nas escolas, contra essas pedagogias cruéis que temos que trabalhar, educadoras e educadores dos cursos de Pedagogia e Licenciatura. Não formemos licenciados para ser carrascos de crianças porque não fazem o para casa, porque não tem cabeça para as letras, isso é uma cruel pedagogia política, antiética e antipedagógica.

Reconheçamos a cruel pedagogia do vírus. Se o vírus nos mostra ser cruel pedagogo os políticos estão mostrando serem piores pedagogos, mais cruéis ainda. Essa é nossa análise. É por aí que temos que analisar. Não sejamos condescendentes com os cruéis e suas cruéis pedagogias políticas. Nos indignemos com a cruéis pedagogias políticas sociais e antipedagógicas.

Esta seria a forma de ir entrando nesse tema. Tempos de Pandemia, sobretudo, tempos de cruéis pedagogias. O que aprender, nós Pedagogos dessas cruéis pedagogias? Nós como pedagogos não somos só ensinantes de pedagogias, temos que aprender pedagogias. E uma das coisas que me parece muito importante é que nós temos que tentar entender que em cada tempo se revelam ideias novas. A Pedagogia não é uma história de

conhecimentos que veio desde a Paidéia, passaram pelo humanismo cristão, depois pelo humanismo renascentista, depois pelo humanismo ilustrado, depois pelo humanismo crítico, não é só isso. Temos uma visão da pedagogia muito linear, muito continuísta. Essa visão da história da pedagogia é ingênua. O campo da Pedagogia tem sido também de crueldades antipedagógicas.

Não faz muito tempo, me convidaram para falar sobre Pedagogia e tradições democráticas e eu perguntei: Mas vocês acham que a Pedagogia participou das tradições democráticas? Vocês acham que em nossa história podemos encontrar tradições democráticas desde a colônia que matou mais de quarenta mil indígenas na colonização das Américas, que escravizou indígenas, que depois escravizou africanos? Podemos falar em tradições democráticas? A nossa Pedagogia esteve muito mais atrelada às tradições autoritárias e cruéis do que democráticas. Devemos fazer uma revisão crítica de nossa história da educação. Estudamos a história das ideias pedagógicas. Superemos toda visão linear com que contar a história nossa dos grandes méritos, das grandes façanhas, dos grandes triunfos, das guerras contra... Superemos essa visão triunfalista da história social, política, cultural e pedagógica.

Estamos em um momento em que todos, estamos obrigados a interrogar-nos. Diante da cruel pedagogia do vírus e sobretudo vivenciando a cruelíssima pedagogia política, estamos obrigados a repensar a educação nessas cruéis pedagogias e superar narrativas ingênuas da história social, política, educacional.

Quando dos 500 anos, se escreveram artigos, livros dizendo “aí começa a educação”. E antes? Não tinha educação nestas terras? Foi necessário que viessem a coroa e a cruz, juntas, jesuítas e colonizadores para começar a história de nossa educação? E os povos indígenas, e os negros escravizados, não se educavam a si mesmos? Não tinham culturas, valores, saberes? Eram in-humanos, in-educados (ARROYO, 2015). Como é persistente essa visão desde os tempos da Colônia e do Império e reafirmada nos tempos de República até o presente.

## Docentes, educadoras, educadores em diálogo com nosso tempo

Estes tempos são tempos de repensar radicalmente nossa história, de repensar-nos, de repensar nossas teorias pedagógicas. Deixemo-nos interrogar pelo tempo que vivemos e que vivem os educandos.

Particpei de um livro que recolheu uns onze, quinze textos meus e os organizadores me perguntaram que título eu indicaria. Eu coloquei o seguinte título: “Educador em Diálogo com nosso Tempo” (ARROYO, 2011). Me inspirei em um autor que eu gosto muito, Hobsbawm, que diz: observei e ouvi, buscando entender a história do meu tempo... Não nos desarmemos mesmo em tempos insatisfatórios. A injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. Essa deve ser nossa postura. Cada tempo humano está carregado, está prenhe de interrogações. A obrigação nossa é tentar descobrir, que venham a luz essas interrogações de que cada tempo está prenhe, para deixar-nos interrogar, denunciando e combatendo as injustiças.

Estou sugerindo que diante deste tema, deixemo-nos interrogar, educadoras e educadores. Nós, pesquisadores, deixemo-nos interrogar: O que nós estamos pesquisando tem importância? Para quem? É realmente um problema, um problema nuclear ou é um problema acidental? Em tempos de cruéis pedagogias e políticas antiéticas temos que escolher, não inutilidades, mas as grandes interrogações que nos indagam, as injustiças a serem desveladas.

Tempo de vidas ameaçadas pela pobreza, fome que oprimem milhares de educandos e seus coletivos. Deixemo-nos interrogar professores, educandos, licenciandos, alunos, alunas de Pedagogia, das licenciaturas. Deixemo-nos interrogar pelos tempos, não só que nós vivemos, sobretudo como foi falado aqui muito bem na música e na apresentação, pelos tempos que os outros vivem, mal-vivem, e deixemo-nos interrogar pelos tempos em que milhares e milhares são ameaçados em suas vidas (ARROYO, 2019). Deixemo-nos interrogar e busquemos respostas em nosso trabalho, em nossa área de cada um de nós. A pergunta poderia ser agora: “mas, com que olhares?”. Porque dependendo como olhamos nos sentimos interrogados ou não, priorizamos umas interrogações e respostas e descartamos outras. Em meu livro *Imagens Quebradas* (Arroyo, 2004), destaco

que a maneira como vemos os educandos também nos vemos e formamos nossas identidades e práticas profissionais.

## **Superar olhares escolarizantes dos educandos e de nós educadores-docentes**

Tendência nossa, que trabalhamos na área da educação, a tendência é deixar nos interrogar por questões de ensino. A tendência é termos olhares escolares. Claro que temos que olhar a escola, claro que temos que nos preocupar com processos escolares, com os processos de aprendizagem, mas é um olhar limitado e limitador. Os processos escolares, quando são colocados como únicos processos a preocupar-nos, esquecemos dos processos de formação humana, da educação. O E de escolar nem sempre é o E de educação, ao contrário. Só de olhar a última Base Nacional de formação de docentes que nem se quer usa a palavra “educador” vemos que reduz nossas identidades a docentes ensinantes que veem os educandos como alunos, sem luz. Aprendizagem na hora certa.

Como responsáveis da Licenciatura e da Pedagogia formamos docentes que aprendem o que ensinar e como ensinar. Um olhar escolar reducionista, pobre. Com esse olhar escolar se pensam os tempos de pandemia. A preocupação que se faz agora é: “os alunos deveriam ter aprendido a ler e escrever na idade certa e durante um ano sem letramento na idade certa não aprenderam a ler e escrever?”. É importante aprender a ler e escrever. Quem disse que não? Mas a pedagogia escolar é mais que letramento na idade certa: “se você não aprender a ler e escrever será analfabeto”. Uma palavra segregadora: “analfabeto”, sem fala, sem letramento, iletrados. Porque? Porque nos padrões de poder marginalizados. Decretar coletivos iletrados é justificativa política para marginalizá-los.

Os iletrados, os analfabetos não tinham nem direito de ser cidadãos e a votar, porque sem letramento. Decretados subdesenvolvidos sem direitos de cidadania. A minha mãe praticamente não sabia ler e escrever porque teve que cuidar de muitos irmãos por ser a primeira ajudando a mãe dela a cuidar de filhos, mas ela tinha um conhecimento da realidade, com lucidez. A língua letrada, é importante dominá-la mas, a língua falada, para o povo, é muito mais importante.... e que pouco a oralidade é respeitada e cultivada nos currículos.

Me lembro de um senhor na EJA, negro, já com cinquenta e tantos, sessenta anos, perguntei: “mas, o senhor aqui, para quê?”, “a professora falou que eu venho aqui para aprender quem eu sou”. “E você vem para isso mesmo? Para aprender quem você é, aprendendo a ler e a escrever?” “Que isso professor, eu sei quem eu sou. Eu vivi cinquenta e tantos anos. Sabe onde que eu aprendo quem que eu sou, professor? Nas letras do samba”. Não vamos ser contra o direito ao letramento, mas vamos ter que ser a favor do direito à fala. Direito a saber-se como destaque no livro Currículo Território em Disputa (ARROYO, 2013).

Olhemos os tempos com o olhar escolar, mas ultrapassemos o olhar escolar. Não pensemos com que tecnologia, com que didáticas recuperar ou não recuperar. O que temos que pensar é uma questão que ficou muito clara. Nesses tempos de pandemia de ensino à distância, ficou muito claro que milhares de educandos não tem condições de ensino à distância. Ficam expostos às desigualdades não só de letramento. Que interrogações vem dessas desigualdades sociais expostas nos tempos de pandemia virótica e política? Exigências de olhares políticos alargando o olhar escolarizado?

Nestes tempos de pandemia e da cruel pedagogia do vírus e política, ficou muito claro que as desigualdades de leitura, de percurso não são apenas de quem tem cabeça para as letras ou não tem cabeça, de quem faz para casa ou não faz para casa, de quem sabe ou não sabe ler ou escrever. Ficou muito claro que as desigualdades são sociais, são de raça, de classe, são de gênero. As desigualdades não são “não aprende a ler porque uns não tem cabeça para ler”. Não tem cabeça para as letras. E outros tem cabeça para as letras.

O que ficou muito claro agora com a pandemia política é uma verdade: as desigualdades escolares são inseparáveis das desigualdades sociais, das desigualdades das condições de vida, das desigualdades de moradia, das desigualdades de trabalho, de saúde, de alimentação até de acesso às tecnologias. As desigualdades sociais, de raça, indígena, quilombola, de classe produzem e reforçam as desigualdades escolares. Essas são as grandes lições à aprender nesses tempos. Não são pobres, favelados, ou não são pobres desempregados porque são analfabetos. São analfabetos, às vezes com dificuldades de fazer o para casa porque tem que trabalhar, pois são pobres. Tempos de ficar explícito que

as verdadeiras desigualdades são estruturais, são de classe, são de raça, são de gênero, são de condição social. E essas desigualdades radicais, estruturais determinam as desigualdades escolares. Uma verdade que a pandemia virótica e política nos mostrou e que custam a entender.

## **Tempos de desmonte do Estado de Direito**

Uma verdade política exposta: a educação atacada, não reconhecida como direito político, cidadão, humano. Como entender nos como profissionais do direito à educação? Nosso olhar será escolar, reforçado com um olhar político. Em que sentido olhar político, para estes tempos? Um olhar político porque estamos em tempos não só de pandemia virótica, mas de pandemônio político. Em que tempos políticos estamos? Tempos de destruição, desmonte do Estado de Direitos, é imposição de um liberalismo econômico de mercado, de um Estado de mercado, de um Estado Mínimo, cada um por si e o diabo por todos. Esta é a realidade. Quando o Estado de Direito se desmonta, todos os direitos humanos, a saúde, a vida, a comida, o trabalho, a educação se desmontam. Um olhar político de educadoras e educadores. Tomemos consciência estamos em tempos de desmonte dos estados de direitos pelo qual tanto lutamos.

Lutamos por direitos, mas os ganhos que tivemos na área da educação, na área da saúde, na área dos direitos do trabalho, na área dos direitos dos trabalhadores da educação, área dos direitos das mulheres, da aposentadoria, tudo isso desmontado. Esse desmonte não é de agora... Veio com o golpe machista contra a primeira mulher, a única mulher, que chegou a ser presidenta da República. Vocês lembram daqueles machos lá no congresso? Impeachment dessa mulher... Vai cuidar de tua casa, vai para o lugar que é da mulher: em casa, na cozinha. Aquele gesto foi de um machismo horroroso, e o pior que tinha até mulheres no congresso votando por isso e depois vão dizer que são feministas. A política é machista, os três poderes são machistas. Isso ficou muito claro com o impeachment da única mulher que tivemos em cento e tantos anos de nossa República. Tempos de deixar exposto o machismo dos podres poderes.

Estamos num tempo de desmonte dos direitos, ainda pobres, ainda tênues, mas pequenos direitos que tínhamos conquistado, lutando por direitos e por direito a educação, tudo isso desmontado. E o que está sendo colocado em seu lugar? O Estado Mínimo, o estado de mercado. O SUS? “Não, cada um por si, cada um que faça seu seguro de saúde pessoal”. Cada um que busque seu dinheiro, cada um que jogue na bolsa e pronto. E os milhões de desempregados? E os milhões que não buscam nem mais emprego por cansados de buscar emprego e os milhões em trabalhos pobres em trabalhos informais? “O problema é deles, eles é que são culpados. Não querem trabalhar, são preguiçosos, gostam de boteco, são nortistas e nordestinos que não sabem ler. A visão segregadora do Nordeste, o nordestino pobre, porque não sabem ler, essa gentinha pobre”. Que visão racista de nossos poderes, de nossa cultura política.

## **Por um Estado de Direitos Humanos**

Tempos de desmonte do direito à vida. Tempos de desmonte do direito à educação. Os movimentos sociais, movimento docente vinham lutando pelo direito à educação nas lutas pelo direito à terra, trabalho, teto, vida justa. E que Estado temos hoje? Educadoras e educadores eu acho que ainda não tomamos consciência que estamos em tempos de desmonte do Estado de Direitos, no qual conseguimos algumas conquistas no direito à Educação. Porque, Lutamos junto com os movimentos sociais para que no MEC tivesse uma Secretaria da Diversidade. E, conseguimos. Cadê a Secretaria da Diversidade? O Estado mínimo racista destruiu... E conseguimos que no Conselho Nacional de Educação e nos Conselhos Estaduais tivesse representantes de indígenas, de quilombolas, de mulheres que elaboraram diretrizes curriculares específicas para o direito a educação indígena, a educação quilombola, a educação negra, história da África, educação de jovens e adultos. Cadê? Conquistas políticas desmontadas pelo Estado racista, classista, segregador (ARROYO, 2019).

Tomemos consciência em que tempos estamos. Tempos em que o campo da educação é o campo mais atacado. Tivemos já quantos? Três, quatro, quantos ministros da educação? Tivemos quatro ministros da saúde. As áreas dos direitos mais básicos do ser humano: vida, saúde, educação, trabalho, alimentação, desmontadas...

Tempos de desmonte do primeiro direito humano, o direito à vida. Não é o vírus que mata. Alguém falou aí no início que esse vírus é seletivo. Vocês conhecem o livro *Vidas Ameaçadas* (ARROYO, 2019)? Esse livro eu publiquei faz dois anos na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e muita gente me pergunta: “mas, ele já tratava das vidas ameaçadas pelo vírus?” Não. Nem tinha aparecido o vírus. O que eu coloquei nesse livro são vidas ameaçadas de infâncias, de adolescentes, de jovens e adultos, de mulheres e mais os tantos que tem que gritar “parem de nos matar porque somos negros”. Isto não é de hoje. Isso vem de longe em nossa história. O direito à educação, os direitos humanos são negados, destituídos quando se destrói o direito à vida. As lutas por escola dos mais pobres tem sido lutas por cuidado, proteção, por vida.

Quando estava pronto o livro *Vidas Ameaçadas* eu vi em um jornal a notícia: “crianças que se sabem ameaçadas por quem e porquê?”. A matéria tratava de mil e quinhentas cartas de crianças do Complexo das favelas da Maré através das quais elas pedem justiça, descrevem o horror da vida sobre o fogo cruzado, junto com a notícia de que seis jovens morreram nos últimos cinco dias em outras comunidades fluminenses. Crianças que sabem-se ameaçadas, que sabem por quem são ameaçadas e colocam porque são ameaçadas. Fiquei muito chocado... Mas, como é possível uma criança de oito, nove anos, até na escola, é ameaçada de vida e uma delas coloca assim: “uma vez minha mãe saiu com minha avó e deu tanto tiro que me escondi atrás da máquina de lavar. Quando tem operação, nenhum dos moradores fica na rua porque sabe que os policiais vão mata-lo” e, olha a conclusão dessa criança: “também pensam que nós somos bandidos”. Elas sabem por quem são ameaçados, pelas ameaçadas seletivas. Ameaçadas por que passados bárbaros?

Essas crianças vão à escola, sabem-se em *Vidas Ameaçadas*. A pandemia virótica e política radicalizou o saber-se em *Vidas Ameaçadas*. Talvez cheguem às escolas dizendo: “professora, a minha vó morreu com o coronavírus, a minha tia...” Talvez elas falem: “eu

sabia que sou ameaçada faz muito tempo... Moramos na favela, moramos na vila, moramos no campo, somos pobres, sou negro, eu vi um irmão já gritar: parem de nos matar porque somos negros! Será que quando eu chegar a idade dele eu vou ter que gritar também isso?” A escola é um tempo de aprendizagem, mas as grandes aprendizagens da vida não se aprendem nas escolas, mas são levadas às escolas. Como tratá-las?

## **Tempos de pandemias políticas que verdades revelam?**

Nestes tempos voltamos à exigência de um olhar pedagógico, ético, político renovado, radicalizado. Tempos de um olhar político que ausculte as verdades que afloram. Um olhar político em que nos perguntemos “nos tempos de pandemia, cruéis pedagogias, que verdades se revelam, que valores se revelam, que contra-valores se revelam?”.

Podemos olhar estes tempos com uma metáfora: os tempos de pandemia virótica e de pandemônio político são como um terremoto em que a terra treme e se racha e aparecem verdades ocultas e contra-valores ocultados. Por baixo dessa areia, por baixo desse verde, quando treme a terra aparecem verdades que estavam ocultas.

Estamos em um momento de terremoto político em que verdades, valores e contra-valores políticos aparecem. Qual seria nossa postura como educadoras e educadores? Perguntar-nos que verdades? Que valores? Que contra-valores aparecem? Somos obrigados a dar muita importância ao valor humano primeiro: a Vida... e a um contra-valor que também está aparecendo, a Morte. “Uma dor assim pungente, não há de ser inutilmente”, nos fala João Bosco e Audir Blanc. A dor da morte vivida muito cedo por crianças. Às vezes pensamos “essas crianças ficaram na escola e não aprenderam”, não aprenderam as verdades da BNCC”. Talvez não aprenderam, mas o que temos que pensar, educadoras e educadores, é que verdades aprenderam, verdades brutais que as vezes não aprenderiam na escola. Aprenderam a ter medo da morte e aprenderam o valor primeiro da vida.

Lembro-me de uma senhora que emocionada me contou: “eu fiquei sem saber o que falar com meu neto... vimos na TV que o vírus ataca pessoas de idade e ele me falou: você está na idade de risco... vai morrer? Vó eu não quero que você morra!” Essa verdade

não é ensinada no letramento. A verdade de que até a avó pode estar ameaçada e que a vida é uma constante ameaça e que a vida é seletiva para os que estão em risco, isso não se aprende na escola, isso se aprende em tempos de pandemia cruel, virótica e política.

A pergunta que nós teríamos que colocar, não seria que verdades não aprenderam sem letramento, mas, que verdades cruéis aprenderam na pedagogia cruel do vírus e política. Quem sabe isso poderia ser uma tarefa nas escolas, na própria faculdade, universidade. Criar uma comissão em que educadores e educandos, professoras e alunos, todos nos colocássemos a pergunta: Que verdades afloram em tempos de pandemia política e do vírus? E, que verdades aprenderam essas crianças, adolescentes, jovens e adultos que ficaram distantes de nós e que não tinham nem se quer como comunicar-se nos tempos de educação à distância? Com que pedagogias, com que didáticas pode-se dar centralidade a essa realidade, a essas verdades e contra valores?

Mas, não só que verdades da morte e da vida a ameaçada pelo vírus... Por exemplo outra verdade é muito forte agora: o número de desempregados aumentou, a fome aumentou, a pobreza aumentou... O próprio ministro da economia falou: “temos mais de quarenta milhões sem trabalho, sem carteira assinada, temos mais de sessenta milhões em trabalhos informais”, e está crescendo. Por causa do vírus? Por causa da destruição do Estado de direitos. Vejam o que estão prometendo agora. Estão prometendo auxílio emergencial, em vez do direito político permanente, sobretudo a mulher, mãe a ter uma bolsa família para poder cuidar dos filhos, agora o que estão fazendo é o auxílio emergencial. Não por direito, apenas como auxílio emergencial. Pensemos na diferença de tratar o direito à vida como direito, o direito a comida como direito, o direito à saúde, educação, proteção como direitos, ou tratar simplesmente como uma questão emergencial que vai salvar a sua vida com cento e oitenta ou noventa reais, que não dá nem para comprar leite, o arroz, o feijão para o mês inteiro.

## Tempos de trocar políticas permanentes de direitos por auxílios emergenciais

O desmonte do Estado de Direitos e a imposição do Estado mínimo destrói políticas permanentes de direitos e oferece auxílios emergenciais. Tempos de trocar políticas de direitos por políticas de favores emergenciais. A educação entra nessa mesma lógica política emergencial. A educação não vai ser uma política de direito, mas uma política de favores. O que foi pensado: “depois de três meses deixados sem nada, vamos dar o auxílio emergencial. E onde vamos tirar dinheiro?”. Lembrem-se qual foi solução! Do dinheiro da educação e da saúde. E não conseguiram... Não se esforçaram em taxar as altas fortunas, taxar quem está ganhando mais de quarenta mil por mês, por que iriam ter que enfrentar o Supremo e o próprio Congresso. Decidem que o impacto está no funcionalismo público... salários que não podem ser aumentados de educadoras e educadores da universidade ou da escola básica, funcionários da saúde. Ficaremos anos sem concursos e congelados num salário mínimo. Para quê? Para fazer um favor emergencial que exclui a continuidade de direitos.

Educadoras e educadores estamos em tempos de cruéis pedagogias políticas, e somos vítimas dessas cruéis pedagogias políticas. Tomemos consciência disso. Volto a insistir, se alguém de vocês não tem um tema para pesquisa, para dissertação, para teses, esses são os grandes temas que temos que escolher. Não se distraiam com temas irrelevantes. Temos que enfrentar as grandes questões que nos interrogam a cada tempo social, político. Os educandos chegam às escolas sabendo-se vitimados por injustiças permanentes não emergenciais. Estamos em tempos de cruéis verdades e contra valores permanentes.

São tempos de contra valores desenterrados e de verdades desenterradas e aprendidas por crianças, adolescentes, jovens, adultos que não aprenderiam na escola, mas aprendem atentos, chorando, vendo sua mãe, seu avô, seu tio chorar. Criança, que perguntava a seu pai “eu vi muitos buracos, buracos. O que vão colocar naqueles buracos, pai?”, o outro filho falou “sabe o que vão colocar lá, você não viu? Lá tinham caixões”. “Mortos?”, Verdade da morte aprendida nesses tempos, quando evitamos que as crianças tenham conhecimento das verdades da morte. Como ver essa criança ao chegar na escola

de volta? Criança feliz a cantar, criança, flor, roseira? Como vemos educadora, educador como jardineiro fiel que vai te irrigar, colher as flores de teu roçado? Verdades, valores de nossas pedagogias que também ficam expostas nesses tempos. Essas são as infâncias, adolescências que chegam nas nossas escolas públicas.

Lembro-me quando chegava nas escolas... algumas coisas me impressionaram muito quando era secretário... Perguntava: “tudo bem professora, tudo bem professor?” E sempre vinha a resposta: “não tá bom não professor”. Isso foi entre 1993 e 1995. “Mas, porque que não está bem?” Pensava que era porque tiveram uma greve e não conseguiam tudo que reivindicavam. O movimento docente sempre lutou pelos direitos dos docentes, mas não tinham conseguido, não estava tudo bem... “é por causa da greve que não chegou tudo que queriam?”, “não, professor.... Isso também, mas é sobretudo porque as crianças são outras”. Já no final dos anos 1980 iam chegando outras crianças que nunca tinham chegado das periferias às escolas públicas. Perguntei: “mas, são outras como, professora?”. “Professor, sempre falavam de uma fase romântica da infância, a imagem da infância que eu tinha, que me passaram, era vidro e se quebrou”. Outra professora que estava ao lado completou: “quando as imagens da infância se quebram, nossas imagens de professoras viram caco, se quebram também”.

Escrevi o livro, e gosto muito dele “Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres” (ARROYO,2004), na capa uma criança negra, quilombola, brincando com uma boneca quebrada para aprender “você, criança negra, quilombola, já é tão quebrada ou mais do que essa boneca quebrada com que você brinca, e continuará quebrada, porque o que te espera, talvez, seja ser expulsa da terra com seus coletivos quilombolas como estão sendo expulsos nestes tempos políticos”. Como mulher negra, você terminará deixando a escola para cuidar de crianças brancas ou, talvez, seja empregada doméstica e tenha um filho que se chame Miguel.

Lembram do Miguel, filho da empregada doméstica que levava sempre seu filho a escola antes de ir ao trabalho? Mas, como a escola estava fechada pela pandemia, teve que levar seu filho para onde? Para casa do patrão. Levou da senzala para a casa grande. E a primeira coisa que a dona da casa, branca fez: “vai levar a cachorrinha que está muito triste para passear.” “Mas, e meu filho?” “Deixa que eu cuido do teu filho”. E, enquanto a mãe

estava levando a cachorrinha para passear, a própria dona da casa grande mandou o elevador subir com criança, Miguel, para a morte. Terrível. Quando volta a mãe do passeio com a cachorrinha, encontra seu filho no chão, morto. Qual foi a fala dela: “eu cuidei tanto dos filhos da patroa e não foi capaz de cuidar do meu filho durante quinze minutos”. Uma situação terrível, por isso escolhi esta capa. As Imagens Quebradas e as Vidas Ameaçadas são seletivas e em tempos de pandemias políticas ficam mais explícitas. Aprendamos essas verdades educadoras e educadores.

## **Cruéis pedagogias que desocultam valores e contra valores**

Tempos de nos perguntar por que valores, contra valores são revelados, desocultados. Que valores? Não só que verdades como essas, mas que valores? Os poderes poderes ocultam valores. Aliás, não ocultam valores, ocultam, sobretudo os controladores do poder: o racismo, o sexismo, o machismo, a segregação por orientação sexual. Contra valores dos padrões do poder desocultados: que exigências éticas da educação e da docência?

Esses contra-valores afloram em tempos dessas cruéis pedagogias do vírus e políticas, são imoralidades que não são de agora vem de longe. A imoralidade de acabar com vidas. Se calculam 40 mil de indígenas mortos na colonização das Américas, é um contra-valor que não se fala. O contra-valor de colocar seres humanos como coisas vendíveis, como escravos. A escravidão, um cruel controlador em nossa história e até agora não tivemos nenhum sinal de recuperação. Esses contra-valores afloram em tempos de pandemias políticas e viróticas.

Que outros contra-valores expõe essa cruel pedagogia virótica e política? O contra-valor da morte, o contra-valor seletivo, o contra-valor do desemprego, o contra-valor de estar quase quatro, cinco meses sem auxílio emergencial. O contra-valor de obrigar que os ônibus andem cheios. Aconselham: “evitem aglomerações”. Uma mulher disse: “como que eu vou evitar aglomeração dentro do ônibus, todos amontoados, se eu tenho que trabalhar?” E o pedreiro: “como que eu vou deixar de ir de ônibus, amontoados se eu tenho que pegar dois ônibus para ir até chegar no trabalho, e subir no andaime e talvez morrer?”

Essa é a realidade. Que conselhos são dados para evitar as mortes: “fechar tudo das onze até as cinco da manhã”. Outro perguntou: “porque até as cinco e não até às oito?” “Não, porque as cinco da manhã já tem que acordar o Pedro pedreiro, a Maria empregada e pegar o primeiro ônibus e depois o segundo até chegar no trabalho”. “E vão ter que encarar ônibus, encarar a morte, proteger a vida como?” “São trabalhadores, a culpa não é do Estado, dos padrões de trabalho impostos, a culpa é deles, não estudaram, em percursos de analfabetos, não tem formação profissional”.

Um velho contra-valor político reafirmado: as opressões são jogadas em cima das próprias vítimas. Paulo Freire nos falava: “se há oprimidos é porque há opressores”. Se há mortos é porque há o que os mata. E não é o vírus. Uma coisa que não aparecem nas notícias sobre o número de mortos é quem que está morrendo. Quem está morrendo é aquele que tem o seguro de saúde privado? Não. Ele vai logo pros grandes hospitais. Os outros vão para o SUS, para UPAS – Unidades de Pronto Atendimento, onde não tem leito, não tem oxigênio. O que vai fazer? O que sempre esteve destinado: morrer. Vidas Ameaçadas, como regra na história de tua raça, de tua classe. Está é a realidade e não se fala a classe social, a raça, mais de 400 mil mortes, três mil mortos por dia... Mas, de que cor, de que gênero, classe? O máximo que se fala é “estão morrendo também os de cinquenta até sessenta, os de quarenta e cinco até cinquenta”.

As condições de preservação da vida são seletivas. Quando fizeram aquelas entrevistas nas favelas perguntando “dona Maria, a senhora vai se preservar?”, “como que vou fazer meu filho? Diz que tem que lavar as mãos e não tem água, outros tem água, mas não tem dinheiro para comprar o sabonete e menos para comprar o gel porque tenho que comprar comida para meus três filhos”. Esta é a realidade cruel. Verdades e contra-valores cruéis de nossa história e de nossa sociedade que afloram interrogantes.

## **A esperança da volta ao Novo Normal até na educação?**

O discurso oficial é que anormalidades do presente são um acidente, uma brisa passageira que com o vento se vai”. Prometem que o Novo Normal está chegando... de volta a normalidade social e econômica, até escolar. Essas crianças vão voltar. Olhemos

quem são essas crianças. Esses professores vão voltar. Olhemos e escutemos que valores, que saberes aprenderam durante esses tempos de pandemia política e virótica. Aprenderam que verdades, que valores? Aprenderam que grandes verdades e que grandes valores, soterrados? Que exigências para a educação e para docência? Nesses tempos de pandemia cruel, virótica e política, aprendamos com os educandos e coletivos que saberes, verdades que valores e contra-valores desenterrados, mostrados com toda crueldade, escolhamos isso como trabalho nosso. E nos perguntemos como que essas crianças, adolescentes, jovens ou adultos que chegam nas escolas, são afetados por essas verdades e esses cruéis contra-valores. Eles são as vítimas, são afetados. Como professores também somos afetados, interrogados.

Como trabalhadores de uma universidade pública estamos informados dessas verdades, contra-valores que afloram. Estamos informados como educadoras e educadores docentes, das escolas públicas, onde chagavam 20 milhões de crianças na extrema pobreza e de adolescentes... 20 milhões, na extrema pobreza. Se somamos mais dez milhões, não na extrema, mas na pobreza, quase 75% dos que estudam nas escolas públicas são pobres. Aprendi quando fui secretário: as escolas públicas são escolas dos pobres, escolas dos pais desempregados, das mães empregadas domésticas, escolas de crianças que moram amontoados, resistindo à fome, lutando por escola. Os professores, educadores e educadoras que formamos, tem direito a esse saber para fortalecer essas crianças, adolescentes, jovens que sabem que são ameaçados em suas vidas. Não é para dizer: “você é ameaçado”. Ele e suas famílias são ameaçados porque são pobres, porque sem letramento, sem valores de trabalho...

Tive um depoimento de uma educadora, muito chocante. Ela me falou: “Arroyo, eu tinha um menino com oito anos, sete anos. Estava aprendendo a ler, letramento na idade certa, era líder, ajudava os outros. Tinha tanto orgulho desse menino e orgulho de mim mesma de ser educadora de crianças, ele começou a faltar e não vinha a escola. E quando vinha, vinha chorando, ficava lá na última fileira, não participava, resolvi chamar a mãe dele. “Dona Maria, o que foi que aconteceu?” e a mãe chorando “professora, ajuda meu filho e me ajuda também.” “O quê que foi que aconteceu?” “Meu filho adorava o irmão dele, de quinze anos, mas foi morto pela polícia porque disseram que mexia com drogas, e não era

verdade que mexia com drogas. Meu filho não se conforma, tem ódio da polícia, fica chorando, revoltado”. Uma criança de sete anos, tão cedo, quebrada. E a professora me perguntou: “Arroyo, o quê que eu faço?” Eu também não sei. E você, educadora e educador dos cursos de Licenciatura, de Pedagogia também não sabe. Não sabemos. Temos que tentar saber. Mas não é fácil entender crianças, adolescentes, ou jovens e adultos que carregam as escolas, a EJA, vivenciais de Vidas Ameaçadas (ARROYO, 2019, p. 77).

Estamos sendo muito dramáticos? A cruel pedagogia do vírus como fala Boaventura, não somos nós que inventamos, está aí. E a pergunta, volto a insistir, como afeta isso, educandos das favelas, das vilas, das periferias, negros, pobres, adolescentes que se sabem ameaçados de morte por ser negros por ser pobre. Como que isso afeta seus processos de humanização? O Estado e sua justiça de quem os oprimidos em vidas ameaçadas esperam justiça, os ameaça com padrões criminalizadores. Os noticiários são constantes de tantos jovens pobres, negros exterminados: 79% dos mortos pela polícia são jovens negros. Que esperanças de volta para um Novo Normal para jovens, adolescentes e até crianças pobres, das periferias, dos campos que chegarão de volta às escolas públicas? Interrogações para a educação e à docência.

Vocês já prestaram atenção na quantidade de crianças negras mortas por balas perdidas? É curioso que são todas negras. Estamos em tempos não só de pandemia do vírus, de pandemia política que mata e mata e decreta sem direito a viver aqueles que são considerados ameaçadores dos que tem direito a viver. Um direito a vida seletivo. Ameaças de morte seletivas, por classe, raça, grupo. 79% dos mortos em ações policiais em 2020 foram jovens negros. Seu gesto de resistência: “parem de nos matar porque negros!

No livro Vidas Ameaçadas trago a reflexão: “mas, porque vidas ameaçadas? De quem?” Dos decretados ameaçadores das vidas que tem direito a ser vividas, o direito a vidas seletivas. São Vidas protegidas do nós, do poder, nós educados, nós patrões, nós, e o resto, vidas não vivíveis para que nós possamos viver. O macro-poder, o necro-poder ameaçando de morte as vidas que não importam.

## Uma esperança resistente e insistente

A consciência de viverem em Vidas Ameaçadas provoca nos jovens, adolescentes e crianças, resistências por vida. Aprendem cedo com seus coletivos a resistência mais radical: resistir por vida justa, Humana. Vocês falaram uma coisa que chamou minha atenção: Não perder a esperança. Paulo Freire (1992) falava “pedagogia do esperar”. Temos que aprender com Paulo Freire que a opressão existe. Estamos em tempos de opressores, tão brutais, mais do que no tempo em que Paulo Freire escreveu a Pedagogia do Oprimido (ARROYO, 2019). A pedagogia do oprimido está atualizada, está viva e nós vamos ter que assumir essa pedagogia do oprimido e temos que estar do lado dos oprimidos e temos que denunciar os opressores e não podemos ser coniventes com os opressores. As escolas estão sendo resistentes ou coniventes com os opressores? Escolas onde chegam crianças oprimidas pela extrema pobreza não podem condená-las como violentas, indisciplinadas, culpadas porque filhos de coletivos entendidos sem valores de trabalho, de ordem e de progresso.

Lembro que quando era secretário, uma escola ao lado da favela, onde todas as crianças eram faveladas teve coragem de expulsar vinte adolescentes. Pedi explicações à diretora e me respondeu: “professor, foi uma decisão democrática”. Toda segregação é anti-democrática. A Constituição diz que toda criança tem direito a educação”. “Mas, é que eles são violentos, eles são indisciplinados, ameaçadores. Em nome da paz na escola fomos obrigados a expulsá-los”. Falei para ela “ou a senhora pede para voltarem amanhã ou a senhora vai para a justiça da infância”. “Mas foi tudo democrático”. Não há democracia quando se negam os direitos humanos mais básicos. São todos oprimidos, pobres. E o que mais me impressionou é que no dia seguinte as vinte mulheres mães, pobres, negras, da favela, chegaram no meu escritório: “por favor, professor, faça tudo para que nossos filhos voltem para a escola”. Perguntei “porque?”. Recebi uma lição enorme aquele dia. “Professor, se nossos filhos não voltarem para a escola, não voltaram vivos em casa. Serão mortos pela polícia”.

Entendi a grande lição, por isso que escrevi este livro “Vidas Ameaçadas”, onde eu coloco qual é a primeira obrigação da escola diante das Vidas Ameaçadas? A obrigação das escolas, dos seus gestores e educadores é salvar vidas. Aprendi isso nas mulheres mães. “Se nossos filhos não voltarem para a escola, não voltaram vivos para casa”. Para as mulheres mães, a escola é lugar de cuidado, de proteção do filho, de salvar vidas. Essa é a grande função da escola em tempos de pandemias políticas, em tempos de justiça do Estado justiceiro, criminalizador, em tempos de tantas vidas ameaçadas. Uma exigência radical: assumir essa função política, ética de fazer da escola pública um lugar de proteção de vidas ameaçadas porque são pobres, negros, favelados, indígenas, quilombolas, das águas, das florestas. A escola para os oprimidos, uma esperança de vidas protegidas, cuidadas. Educadores resistentes, fortalecendo o esperançar resistente das famílias e dos educandos.

## **Currículos que garantam o direito dos educadores e educandos a saber-se**

No livro Currículo Território em Disputa (ARROYO, 2013) destaco que os educandos e educadores tem direito a conhecimentos que garantam seu direito à saber-se, saber de si. Tenho a certeza de que vocês estão caminhando por aí, parabéns! Colocar como central nos currículos. Que currículo? Se vocês fazem essa reunião para entender que realidades afloraram e que verdades aprenderam essas crianças, que valores e contra-valores aprenderam essas crianças, se fizeram isso, coloquem isso no currículo, o direito de crianças, adolescentes, jovens e adultos aprender quem são, como são tratados pela sociedade, como são ameaçados, aprender seu direito à vida, à vida justa, à vida humana, a vida de gente.

No livro Passageiros da Noite, do Trabalho para a EJA (ARROYO, 2017), escrevi vinte e cinco temas, não para dizer como alfabetizar analfabetos que chegam a EJA, não quero nem saber se são analfabetos ou alfabetizados. O que me importa é que são gente e que tem direito a saber-se. Vinte e cinco temas tratando eles como gente. Ser educadoras e educadores de adultos pressupõe entender esses educandos como gente e ajudar os educandos de crianças e adultos a fortalecer seus saberes de si. O primeiro tema Passageiros

de que passagens humanas ou inumanas chegam? Das periferias, do trabalho, de sem trabalhos, de quê trabalhos, trazem seus corpos, corpos ameaçados, corpos de morte, corpos de medos, corpos desnutridos. Corporeidades humanas resistentes afirmando suas diferenças corpóreas, culturais, identitárias. Esses temas não servem só para os passageiros da noite na EJA, servem também para os jovens da educação média, para crianças, adolescentes na educação fundamental e infantil. Servem também para as educadoras e educadores que chegam em nossos cursos de Licenciatura e Pedagogia. Eles também têm direito a saber-se, para que ajudem os educandos a saber-se.

Que saberes ajudarão aos educandos à saber-se? Ainda que lições, saberes das Artes os ajudarão à saber-se? Queria destacar essa ideia que vocês tiveram, tão linda. Vocês fizeram isso para nos dizer: “educadoras e educadores olhemos para as artes. As artes são mais luz no entender e denunciar o desumano que há na humanidade do que as ciências”. Nossos cursos de graduação, de pós-graduação são demasiado científicos. Falta cultura, falta arte. No livro *Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA*, tive coragem de colocar uma coisa que podia parecer um pouco anormal: como garantir o direito de educandos e educadores a saber-se através das artes, das músicas, das letras, da pintura, dos grafites, do cinema?

## **As artes revelam os valores mais humanos e denunciam os contra-valores inumanos**

Nossos currículos nem sempre reconhecem, trabalham os valores que as Artes afirmam e os contra-valores que denunciam. Volta à pergunta: como trabalhar os valores das artes nos currículos. Em cada um dos temas coloquei com que artes poderíamos, aprender, estudar e trabalhar esse tema. Por exemplo, o último tema que coloco na EJA, nas Escolas, até na educação infantil, na educação fundamental, na educação média, até na licenciatura, chegam corpos. Mas, não posso dizer só corpos... coloquei algo mais: totalidades humanas corpóreas. Somos uma totalidade humana corpórea, todos somos, e para trabalhar um tema como este tão delicado desses corpos passageiros da noite que

chegam do trabalho, que chegam de tantas lutas para a EJA. Como trabalhar com esses corpos, totalidades humanas corpóreas? Com que artes?

Trabalhar as Artes. Sugerir, primeira letra de música, Taiguara, “Hoje” de Taiguara, “trago em meu corpo as marcas de meu tempo, meu desespero, a vida num momento, a fossa, a fome, a flor, o fim do mundo”. Educadoras e educadores, o que esta música está nos dizendo? “Professora, olhe para os corpos desses adultos, crianças, adolescentes. Olha para eles. O que estão te dizendo, professora, professor? Trago no meu corpo as marcas de meu tempo”. As marcas de quem só como negro, como mulher, como jovem, como criança. Os corpos falam. Os corpos falam mais do que as ciências, e mais do que os letramentos. Interpretar as linguagens dos corpos.

Propus também outra música forte “Menino” do Milton Nascimento e de Ronaldo Bastos. Eles escreveram esse texto quando aquele menino lá no Rio, na época da ditadura, foi morto e houve uma grande marcha de protesto contra a ditadura por causa do menino morto. E eles criaram, Milton e Ronaldo Bastos, essa letra “quem cala sobre teu corpo consente na tua morte, talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito”. Uma frase dura! “Quem cala sobre teu corpo, consente na tua morte”, “quem cala morre contigo”, “quem grita vive contigo”. Essas músicas, as letras do Chico, do Milton, dos Baianos, as músicas as letras, as artes gritam, não calam pra não morrer com os mortos vítimas das injustiças.

As Artes denunciam os contra-valores. Por exemplo, o quadro Guernica, de Picasso. Quando volto à minha terra, faço questão de ir ver e rever sempre. Sempre está lotado de gente e todos em silêncio. Parece um silêncio sagrado, olhando um quadro denunciante das mortes, das guerras de Franco e das guerras também de Hitler e Mussolini e de tantos ditadores. Cavalos pisoteando mulheres segurando seus filhos no colo. A arte é muito mais denunciante das desumanidades, da morte, das violências, dos sofrimentos do que as ciências. O que aprender com as Artes no trabalho com a educação em vidas ameaçadas em vivências desumanizantes?

Coloquei também aqui “Maria, Maria”. “Maria, Maria, é um dom, uma certa magia, uma força, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta. Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta de uma gente que ri quando

deve chorar, e não vive, apenas aguenta”. Se queremos denunciar e indignar-nos como vocês colocaram aí, contra todas as violências, temos que aprender com as artes, trabalhar as artes e dar mais centralidade à cultura, às artes na formação de educadoras e educadores, para que também eles, com arte, eduquem os educandos no seu direito à saber-se nas Artes.

## **Tempos de realismos trágicos e de vidas resistentes**

A pergunta que nos acompanha: que desafios políticos éticos, pedagógicos em tempos de pandemia virótica e política? Lembramos de Hobsbawm: a injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. Tempos não de pessimismo, mas de realismo resistente. Depois deste livro “Vidas Ameaçadas” que parece um pouco pessimista, para ser realista, nós temos que ter, vocês lembram o que a literatura Latino-Americana fala? Não é uma literatura xarope, não é uma literatura pessimista. É uma literatura de tragédia, toda nossa literatura Latino-Americana é um realismo trágico, Garcia Marques, Cem anos de Solidão (2012). A leitura que vocês fizeram maravilhosa, que eu tanto gostei de Darcy Ribeiro, essa leitura é de um realismo trágico inspirador de uma pedagogia realista trágica. Não adocicar o que não é verdade e nunca será.

Caminhemos educadoras e educadores para este tempo trágico. Depois deste livro “Vidas Ameaçadas”, o meu próximo livro que estou aqui na pandemia já cozinhando, fazendo terá como título Vidas Re-existentes afirmando-se humanos. Diante de “Vidas Ameaçadas” temos que entender que os que se sentem ameaçados lutam re-existindo, afirmando-se humanos. Esperança, esperançar, como nos fala Paulo Freire, mas com realismo trágico com uma Pedagogia de indignação resistente às injustiças.

Queria terminar com aquela riqueza que vocês colocaram, do Chico: “Como beber essa bebida amarga?” Vamos continuar bebendo bebidas amargas. Realmente aos milhões de oprimidos não lhes é dado querer ou não querer beber as bebidas tão amargas das opressões, dos medos, da pobreza, da fome, do desemprego. Não são livres para beber essa bebida amarga. Mas, como não bebe-la? Sobretudo, como ajudar crianças e até jovens e adultos a beber/viver tantas bebidas/vidas amargas?

Ser educador hoje é ser herói. Se está cultuando muito, e com razão, os profissionais da saúde. Todos batemos palmas. Eram profissionais ocultos, nas UPPS, mas agora eles aparecem com heróis, porque estão salvando vidas. Há muitas e muitos educadoras e educadores que estão salvando vidas também. Aquelas falas daquelas mulheres: “professor, se meus filhos não voltarem para a escola, não voltarão vivos para casa. Salve as vidas deles, por favor!” Temos que salvar vidas. E, salvar vidas em tempos de vidas ameaçadas não é fácil. É uma profissão heroica. Todos que trabalhamos na formação de educadores e educadoras temos consciência de que estamos formando profissionais para proteger, cuidar, salvar vidas ameaçadas. Essa tarefa é muito mais do que: “na Licenciatura que o historiador aprende a história, o geógrafo aprende o espaço, o físico que aprende a física”. Nossa função é formar docentes educadores. Lembram do meu primeiro livro *Ofício de Mestre* (ARROYO, 2000). Destaco na página 50, “humana docência”. Toda docência, ou é humana docência ou deixa de ser docência. E não fui eu que falei isso, foi Cecília Meireles. As Artes veem a docência como humana docência.

Professoras e professores da licenciatura, não formamos só docentes, formamos docentes de humanas docências. No livro *Currículo Território em Disputa* trabalho quem disputa o currículo. Quem disputa o currículo são as crianças, adolescentes, jovens e adultos que chegam nas escolas dizendo “professora, professor eu moro na favela, meu pai está desempregado, eu passo fome, minha mãe... eu quero saber-me, por favor”. Destaco que o currículo tem que garantir o direito a saber-se, o direito a saber de si no mundo. Se sou professor de Geografia tenho que aprender é que as crianças vivem em espaços desumanos. Tenho que saber e ensina-los é porque que vivem em espaços desumanos? Porque que o espaço os desumaniza? Quem produz espaços desumanos? O direito a saber-se em que espaço, em que trabalho, sem trabalho, em que pobreza, em que vidas ameaçadas, o direito a saber de si como membros de coletivos sociais ameaçados.

Educadoras e educadores, é maravilhoso ser educadora e educador. Mas é maravilhoso quando nós ajudamos crianças, adolescentes, jovens e adultos a saber-se, a saber de si, a saber de sua resistência e das resistências de seus coletivos sociais, étnicos, raciais, de gênero e de classe. Saberes de realismos trágicos de vidas de coletivos sociais resistentes. Coletivos em resistências afirmativas da diferença.

Pediram-me para escrever uma apresentação de um livro: “Educação como prática da diferença” (SILVÉRIO; ABRAMOWICZ; BARBOSA, 2006). Paulo Freire tem um livro “Educação como Prática da Liberdade” (FREIRE, 1999). Perguntei porque escolheram “Educação como prática da diferença”. Porque reconhecem que educadoras, educadores e educandos são educadores de si mesmos. O movimento negro, o movimento indígena, o movimento quilombola, o movimento feminista, o movimento gay, o movimento LGBT, os movimentos juvenis, são educadores, educadores de si mesmos. Em suas resistências educam a política, educam a educação.

É por aí que vamos caminhando. É por aí que temos esperança. É aí que conjugamos o verbo “esperançar”. Resistindo e insistindo, aprendendo com os coletivos em resistências, como prática da diferença como ser educadoras e educadores.

## Referências

ARROYO, M. **Imagens Quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Currículo Território em Disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Educador em Diálogo com Nosso Tempo**. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Humano é Viável, é educável?** Chapecó: Pedagógica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Vidas Ameaçadas**. Petrópolis: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. Paulo Freire, outro Paradigma Pedagógico. **Educação em Revista**, v.35, n.e214631, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel G. **Cem anos de solidão**. 80ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Boaventura. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVÉRIO, Valter R.; ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia M. de A. **Educação como Prática da Diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

---

<sup>i</sup> Este manuscrito originou-se da “Conferência: Os desafios da educação no Brasil na pandemia política” (disponível no canal do Youtube do PPGELS: <https://www.youtube.com/watch?v=zLlyuSavaGE>), coordenada pelo prof. Dr. Miguel Arroyo no I Encontro de Ensino, Linguagem e Sociedade do Sertão Baiano e II Seminário de Pesquisas do PPGELS, com transcrição inicial realizada por Cleidimara Guedes Cruz, posteriormente revisada e finalizada pelo professor Miguel Arroyo.